
“Chame a trava com fé, só ela abre o mar”: colonialidade, religiosidade eurocristã e afirmação de pessoas negras LGBTQIA+ a partir do pensamento de Ventura Profana¹

Abraão Filipe Marques de Oliveira²

Maria Fernanda de Oliveira Ruas³

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Resumo

O presente trabalho busca investigar como a colonialidade, atualizada por meio do eurocristianismo (católico, protestante e neopentecostal), sustenta a subalternização e o extermínio de pessoas negras dissidentes de gênero e sexualidade. A partir da obra de Ventura Profana, travesti negra que denuncia as violências do evangelicalismo, analisam-se falas públicas da artista disponíveis no YouTube. Por meio do paradigma indiciário (Braga, 2008) e com base em autores como Bispo dos Santos (2015), Foucault (1988), Carneiro (2023), Nascimento (2021), Musskopf (2008), Serra (2023) e Cunha (2017), observa-se que a normatividade cristã hegemônica, no contexto brasileiro, reforça um sistema racista e cisheteronormativo. Ao mesmo tempo, emergem resistências que desafiam esse arranjo disposicional por meio da arte e da afirmação de outras formas de existência.

Palavra-chave: pessoas negras LGBTQIA+; dispositivo de racialidade; cisheteronormatividade; eurocristianismo; colonialidade.

RESUMO EXPANDIDO

Este trabalho⁴ tem como objetivo discutir: como a colonialidade tem se atualizado, desde o século XVI, de maneira ancorada na religiosidade, a partir do eurocristianismo enquanto uma de suas principais bases para operar a subalternização, marginalização e extermínio físico e simbólico de pessoas negras dissidentes de gênero e sexualidade?

Para isso, partimos da produção da multiartista Ventura Profana, “pastora missionária, cantora, escritora, compositora, performer e artista visual”. Ela tem um trabalho com colagens, músicas, instalações, entre outras linguagens artísticas, decorrente de sua pesquisa sobre as “implicações e metodologias do evangelicalismo no

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religiões, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, na linha de pesquisa “Comunicação, territorialidades e vulnerabilidades”. E-mail: abfilipe@gmail.com.

³ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, na linha de pesquisa “Comunicação, territorialidades e vulnerabilidades”. E-mail: amaferuas@gmail.com.

⁴ Parte da pesquisa é um desdobramento da investigação de mestrado, realizada entre março de 2023 e com perspectiva de finalização em julho de 2025, que contou com o fomento de bolsa temporária CAPES/Proex.

Brasil”, e busca “profetiza[r] multiplicação e abundante vida preta e travesti”⁵. Suas obras dialogam diretamente não só com sua trajetória religiosa, mas também com sua identidade enquanto uma travesti negra de 32 anos soteropolitana.

Como fundamentação teórica, com base em Bispo dos Santos (2015), Carneiro (2023) e Quijano (2005), intentamos compreender que o pensamento eurocristão monoteísta marca a inscrição do sistema colonial por meio de violência a pessoas negras e indígenas e imposição cultural. A partir disso, é possível pensar, historicamente, a formação de um conjunto de lógicas disposicionais (Foucault, 1988; Braga, 2018) que institucionalizam uma necropolítica contra pessoas negras (Mbembe, 2016) e consideradas abjetas por serem desviantes de gênero e sexualidade (Vergueiro, 2015; Nascimento, 2021). Nessa seara, a igreja cristã hegemônica, bem como os discursos cristãos espalhados na sociedade, participam desse processo ao favorecer e legitimar uma norma social branca, heterossexual e cisgênera, ao mesmo tempo que aniquila as formas de existência divergentes. Por fim, dialogamos com Giumbelli (2008), Musskopf (2008), Serra (2023) e Cunha (2017), para pensar na moral religiosa cristã sobre as relações sociais brasileiras como expressões dessa normatividade.

Metodologicamente, tomamos como conjunto empírico falas públicas da Ventura disponíveis online. Especificamente, o *corpus* de análise é a transcrição de dois vídeos: a participação no Programa *Manas e Monas*, em 2020⁶ (sobre a residência artística no Goethe Institut, quando ela investigou a relação entre o eurocristianismo colonial e o catolicismo, a partir de igrejas barrocas de Salvador); e no Podcast *Toda Gente* do Coletivo Novas Narrativas Evangélicas⁷, em 2023 (sobre seu álbum “Traquejos pentecostais para matar o Senhor”). Assim, aplicando o paradigma indiciário (Braga, 2008), alguns trechos das entrevistas foram coletados como *indícios* e tensionados e interpretados pelo quadro teórico mobilizado.

Como resultados, foi possível perceber que a prática artística de Profana parece apontar que as instituições – principalmente religiosas, mas não só – construíram uma rede heterogênea (Foucault, 1988; Braga, 2018). Tal rede articula um conjunto de sentidos e discursos acerca das existências negras LGBTQIA+ que passa por diferentes

⁵ Ambas as aspas foram extraídas da bio da artista no Spotify, disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/artist/5OtKmdYx2SsAzr6RjrWAip>. Acesso em: 20 jun. 2025.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=55OwnlvZGek&t=2565s>. Acesso em: 19 jun. 2025.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K9pLqLCXAKM>. Acesso em: 19 jun. 2025.

tradições cristãs hegemônicas: o catolicismo, a chegada dos missionários protestantes até a presença neopentecostal na atualidade, com as alianças cristãs conservadoras (Machado, 2018; Cunha, 2017). É a continuidade de uma estrutura – chamado por ela de sistema senhoril colonial – que favorece o acúmulo do capital por parte de pessoas brancas e burguesas e que, numa perspectiva binarista e cissexista, dificulta pessoas negras LGBTQIA+ (sobretudo trans) acessarem direitos, escolaridade, bens materiais e saúde física, mental e espiritual. Foram identificadas, ainda, resistências emergentes nesse arranjo disposicional – sujeitos que têm buscado, interacionalmente, se afirmar e encontrar possibilidades de fissura/disputa nesse contexto, ao longo dos anos.

Portanto, como conclusões, acredita-se que o estudo pode colaborar para as pesquisas entre Comunicação e Religião, discutindo, por meio de uma perspectiva interseccional, os efeitos históricos e políticos da colonialidade sobre as relações sociais engendradas em nosso país.

Referências

- BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Colonização, Quilombos: modos e significações**. Brasília: INCTI; UnB; INCT; CNPq; MCTI, 2015.
- BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**: São Paulo, v. 1, n. 2, p. 73-88, 2008.
- BRAGA, José Luiz. Interagindo com Foucault – Os arranjos disposicionais e a comunicação. **Questões Transversais**, São Leopoldo, Brasil, v. 6, n. 12, 2018.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- CUNHA, Magali do Nascimento. Construções imaginárias sobre a categoria “gênero” no contexto do conservadorismo político-religioso no Brasil dos anos 2010. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 49, n. 2, p. 253-276, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. O discurso cristão sobre a “ideologia de gênero”. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, 2018.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Artes & Ensaios – Revista da PPGAV/EBA/UFRJ**. Rio de Janeiro, n. 32, 2016.
- MUSSKOPF, A. S. **Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil**. 2008. 525 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2008.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

PROFANA, Ventura. Profecia de vida. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, n. 14, p. 54-63, jul. 2020. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/profecia-de-vida/>. Acesso em: 01 ago. 2024.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso. p. 227-278, 2005.

ROSAS, Nina. Religião, mídia e política: o ativismo antigênero de André Valadão e uma gramática em disputa. **Ciencias Sociales y Religión**, v. 26, p. e024013-e024013, 2024.

SERRA, Cris. **“Para que tenhamos vida”**: saberes e fazeres de coletivos cristãos de feministas e de dissidentes de gênero e sexualidade no Brasil contemporâneo. 2023. 321 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2015.